

A propósito

do centenário de Simões Dias (2)

—Por AMÂNDIO GALVÃO

O leitor, se me deu a honra de ler a última crônica que publiquei neste jornal (no passado dia 14), há-de estar lembrado que a mesma terminava deixando esta pergunta no ar: como se terão comportado os arganilenses, da vila, quando soou a hora de homenagear a memória do dr. José

Simões Dias. Eis pois o mote que irei glosar na crônica de hoje (que constitui portanto a segunda e última parte daquela outra).

Mas antes de entrar propriamente nesta questão, ainda gostava de dizer alguma coisa sobre aquilo que,

(Continua na 7.ª página)

A propósito do centenário de Simões Dias (2)

(Continuado da 1.ª página)

presumivelmente, mais fundo terá marcado Simões Dias na vida.

Penso que há uma conclusão, inequívoca, a tirar daquilo que se disse na primeira parte: Simões Dias foi de facto uma figura que se impôs de forma significativa à sociedade intelectual portuguesa do século dezanove, nos diferentes domínios a que dedicou a sua actividade (os quais foram, volto a recordar: ensino liceal, jornalismo político, política parlamentar, literatura, poesia). Importa, porém, saber o que sentia e pensava ele próprio acerca da acção que desenvolveu.

No que toca à poesia, e como já se viu, Simões Dias não teve dúvida em reconhecer que esta lhe proporcionou algum consolo espiritual, dada a aceitação francamente positiva que os seus versos encontraram junto do público. Todavia, em relação às outras actividades que cultivou, depreende-se que já o mesmo não podia concluir — ao considerar a sua existência «desamparada de protecções e raro alumiada pelos furtivos clarões da alegria e da fortuna». Penso que neste último juízo já devem ter pesado ingratições que, a partir de certa altura, começou a sentir no campo da política, injustiças de que foi alvo no âmbito da acção jornalística, incompreensões que o esperavam no domínio do ensaísmo literário.

Mesmo assim, estou em dizer que a vida pública de Simões Dias, não obstante haver-lhe causado sérios desgostos, se a encararmos no seu conjunto, teve saldo positivo, e por conseguinte terá constituído para ele fonte de alguma felicidade. Isto, repito, em relação à vida pública; e quanto à vida privada? perguntar-se-á: é o que iremos ver a seguir.

Era o ano de 1876. Simões Dias havia realizado o seu segundo matrimónio quatro anos antes, em Viseu. Dirigindo-se à mulher, no dia do aniversário do casamento, adivinha-se a felicidade que lhe ia na alma, ao falar-lhe deste jeito, no momento em que lhe dedicava o último livro de versos que publicara: «(...) Concluo desviando o meu espírito da realidade externa para o abismar todo nas profundezas desse poético e incomparável amor de família representado em ti, ó fiel companheira e santa mãe de minha filha».

Mas ahl como são insondáveis os desígnios do destino...: afinal, havia de ser exactamente no seio da família que Simões Dias iria receber o maior desgosto que a vida lhe reservara. Com efeito, poucos anos volvidos sobre tão expressiva e carinhosa confissão de amor, o destino, numa inesperada reviravolta, desfere-lhe um golpe que o deixa espiritualmente derrotado para o resto da vida, ao destruir-lhe o lar — subita-

mente assolado pelos ventos da desgraça!

E aqui tem o leitor como acaba a última página da vida de Simões Dias: um homem que chegara a conhecer os favores da fama, talvez mesmo a saborear o gosto da glória, — vai arrastar os últimos anos da sua existência mergulhado na mais desoladora consternação! E ainda foi a nobre e comovedora solidariedade



Poeta Simões Dias

do seu velho e fiel amigo Sanches de Frias que o livrou de cair na solidão total, e, piedosamente, lhe fechou os olhos — quando a morte veio para o levar...

E passemos então à resposta em aberto.

Logo após o falecimento, o escritor Sanches de Frias dirige-se à Câmara de Arganil, propondo-lhe que fosse dado o nome de Simões Dias à rua principal da sede do concelho, proposta que foi aceite e aprovada; isto no ano de 1899, sendo presidente da dita Câmara, que havia sido ganha pelo Partido Regenerador, o dr. Albino de Figueiredo, o qual por conseguinte fora adversário político de Simões Dias, que militara no Partido Progressista.

Pois muito bem: mercê dum processo fértil em lances de baixa-política (processo que Carlos da Capela recorda no estudo que referi anteriormente e que por isso me dispense de tratar aqui), só dezassete anos depois, em 1906, foi mandada colocar uma lápide com a indicação de «Praça Simões Dias» na antiga Praça do Comércio, de Arganil, (e não na rua principal, como fora decidido); era então administrador do concelho o dr. José Caldeira de Oliveira, do Alqueve.

O que terão pensado, no seu íntimo, as pessoas da vila a respeito desta homenagem? Tê-la-ão achado justa? Ter-lhes-á agradado?

Atendendo a que a antiga Praça do Comércio (se bem que mais pequena do que é hoje a Praça Simões Dias), por ficar no coração de Arganil, talvez correspondesse ao ponto socialmente mais nobre da terra, creio poder concluir que, de modo geral (incluindo portanto os que haviam sido partidários políticos de Simões Dias), a medida foi bem recebida pela população, embora, talvez, não fosse vivida com grandes emoções, não provocasse grandes entusias-

mos. Penso, aliás, que tal reacção terá ficado a dever-se a razões que não tinham nada a ver com o mérito pessoal de Simões Dias, mérito que de resto ninguém se terá atrevido a contestar. Efectivamente, julgo tratar-se, antes de mais nada, de vestígios dum tipo de comportamento da população, antigamente muito em voga: refiro-me à tendência que tinham os moradores da sede do concelho para olhar de cima para baixo, quase com sobrançeria, os habitantes das freguesias limítrofes — quando estes apareciam na vila, de ar humilde e chapéu na mão, a fim de prestar contas ao poder local. Ora Simões Dias, pensando bem, não era da vila mas sim da Benfeita... Lamentável fenómeno este que, já se vê, não era exclusivo de Arganil. Mas a questão, claro, é demasiado complexa para lhe bastar uma única explicação.

Assim, talvez pesasse também naquele estado de espírito da população um motivo doutra ordem, como, por exemplo, a circunstância — ouvia-se dizer — de Simões Dias, «nunca ter feito nada para Arganil». Argumento que, além de não corresponder à verdade (consulte-se, mais uma vez, o aludido estudo de Carlos da Capela), estando em jogo uma personalidade da envergadura de Simões Dias, correspondia a uma autêntica patacoada: pois não bastaria o facto de Simões Dias ter proporcionado ao concelho o orgulho e a honra de ter tido um filho de tamanha projecção no País — para justificar uma homenagem de reconhecimento e admiração à sua memória?!

Por outro lado, talvez a falta de entusiasmo que pensamos ter havido, fosse devida também a uma «pontinha» de ódio político; Simões Dias, com efeito, não escondia — bem pelo contrário! — os traços fundamentais do seu perfil ideológico, de cariz progressista: amor à liberdade, amor à democracia, amor à justiça social, valores estes que não deviam soar nada bem em meio, do ponto de vista

político, tão refinadamente conservador, como era o de Arganil nesse tempo.

E, é claro, não posso esquecer uma última razão, aliás de natureza bem mais objectiva que as restantes: a circunstância de Simões Dias haver feito a vida fora da sua região, o que terá contribuído para fazer dele, em relação a muita gente do burgo arganilense — praticamente um desconhecido.

Ora, é por tudo isto que eu me atrevo a propor aos meus leitores e conterrâneos, da vila, que eventualmente me estejam seguindo o discurso com algum interesse, que encaremos as comemorações do próximo dia 2 de Outubro como excelente oportunidade para resgatarmos a falta que os nossos antepassados de 1906 terão cometido em relação à figura histórica de Simões Dias; mas como? perguntarão. Muito simplesmente: informando-nos sobre quem foi verdadeiramente o dr. José Simões Dias, como figura moral e como intelectual de diferentes talentos, bem como sobre a qualidade da obra que legou ao património cultural português; acarinhando a sua memória; dando o apoio que pudermos à organização das comemorações; comparecendo, se possível, na Benfeita, a fim de participarmos nas cerimónias programadas.

A Benfeita, estou certo, vai receber-nos ostentando as melhores galas que tem para nos saudar, ou seja, com a simpatia humana do seu povo e o quadro duma paisagem física, que nos prende fatalmente: pelo relevo alcantilado — Pai das Donas, lá em cima — a dizer-nos que demos entrada no reino mágico da Montanha; pelo seu ar florido, revelador de bom-gosto, fartura e bem-estar; pelas águas, ainda puras e abundantes, que cantam, vivas, nas ribeiras e nas levadas; pelos recantos aprazíveis, que convidam ao descanso e à meditação;...

Bem: por minha parte, prometo não faltar.

AMÂNDIO GALVÃO